

EDUCAÇÃO FÍSICA PARA A AUTONOMIA: CONSTRUÇÃO DE POSSIBILIDADES METODOLÓGICAS

Eduardo Boaventura, Irene Conceição Andrade Rangel.

RESUMO

Um dos princípios da Educação é a aquisição e o desenvolvimento da autonomia dos alunos. O objetivo do trabalho foi o de construir junto a professores de Educação Física, atuantes na rede pública de ensino, possibilidades para o desenvolvimento da autonomia dos alunos. A metodologia utilizada para tal fim foi a pesquisa-ação, que se constituiu de cinco reuniões com cinco professores participantes, com tempo de atuação na escola variado entre um a sete anos após a formação inicial. Os dados obtidos englobaram os espaços de escolha para os alunos, as reflexões, as vivências de diversos conteúdos, deixar o aluno arbitrar jogos, jogar junto com os alunos, levá-los a passeios e trazer apresentações para a escola ligadas ao conteúdo proposto são estratégias confirmadas que potencializam o desenvolvimento da autonomia dos alunos. Alguns aspectos que dificultam o desenvolvimento dos alunos foram pontuados pelo grupo, como grande número de alunos por sala, poucas aulas semanais, aprovação automática e resistência aos conteúdos menos visíveis em nossa cultura. Apesar destes aspectos da realidade, vimos que muitas estratégias e concepções foram construídas, permitindo aos professores atuantes experimentar e obter uma efetiva prática pedagógica que contemple o princípio da autonomia na Educação.

Palavras chave: Educação Física, escola, autonomia.

ABSTRACT

The main point of this work was built together Physical Education teachers of public schools, possible didactic strategies for the development of the students' autonomy. One of the principles of the Education is the student's acquisition and development of autonomy. The methodology used on this work was the research-action, which was constituted of five meetings with five teachers, with different previously experiences in school, among one to seven years of graduation time. The obtained data involves the student's choices of spaces, the thoughts, the living of several contents, let the pupil arbitrate games, play together with them, taking them to walks and bring into schools auditions linked to the purposes contents are successful strategies that power the development of the students' autonomy. Some of the views that difficult the development of the students were pointed by the teachers such as the large number of students per class, the number of Physical Educations classes during the week, the automatic approval in school and the resistance to subjects less viewed in our culture. Despite these aspects of our reality, we saw a lot of strategies and conceptions being built, allowing the teachers to try and to obtain an effective pedagogic practice that contemplate the beginning of the autonomy in the Education.

Key words: Physical Education, school, autonomy.

INTRODUÇÃO

Um dos aspectos que engloba os princípios gerais da Educação é o desenvolvimento da autonomia dos estudantes, sendo muito investigada neste campo por educadores e outros profissionais da área. Sabe-se que ela está atrelada à conquista do exercício pleno da cidadania, sendo a escola um dos instrumentos para isto, bem como a disciplina de Educação Física.

A autonomia é de grande importância para a construção de uma sociedade mais justa e democrática, e que pode ser alcançada, dentre outras maneiras, principalmente através da escola, das práticas pedagógicas dos professores e inclusive das aulas de Educação Física.

Frente às complexas dificuldades encontradas nas redes públicas de ensino, como escassez de políticas educacionais para a qualificação do trabalho do professor, grande número de alunos por classe, com diferentes bagagens culturais e de conhecimento, faz-se necessária a realização de um trabalho de

construção pedagógica com professores de Educação Física a fim de que os alunos obtenham maiores possibilidades de desenvolver a autonomia e todos os aspectos que ela engloba.

Por meio desta disciplina, o professor pode exercer uma prática pedagógica que tente superar tais problemas, realizando então a construção da autonomia dos alunos, quando, por exemplo, permites resolver problemas, encorajando-os a refletir, discutir e tomar decisões.

Um problema identificado de acordo com minha prática, estudos e observações como professor de Educação Física, no 3º e 4º ciclos do ensino fundamental, diz respeito à grande dificuldade dos alunos em organizarem-se em atividades em geral, como as escolhas de times e divisões de equipes, além deles terem excessiva dependência das decisões do professor, fator determinante para a realização desta pesquisa.

Diante deste quadro emerge a necessidade do professor em trabalhar o desenvolvimento da autonomia dos alunos e o incentivo a autoorganização de cunho democrático por parte deles, atingindo assim a autonomia e a cidadania, bem como permitir a participação de todos.

O objetivo desta pesquisa foi o de construir junto a professores de Educação Física atuantes na escola possibilidades metodológicas para o desenvolvimento da autonomia dos alunos.

METODOLOGIA

Este trabalho teve como metodologia a pesquisa-ação. Segundo Thiollent (2003), ela pode ser definida como um tipo de pesquisa social com base empírica, associada com uma ação. Possui o objetivo de solucionar ou esclarecer um problema coletivo, no qual pesquisadores e participantes interagem de modo cooperativo e participativo, além de aumentar o nível de consciência e conhecimento dos grupos considerados.

De acordo com Ibernón (2000), na pesquisa-ação os professores elaboram suas próprias soluções em relação aos problemas práticos com que se defrontam, refletindo deliberativamente, ou seja, pensam, repensam e tomam decisões baseados no debate e nas discussões. Torna-se então uma possibilidade de formação permanente, que parte da realidade, da escola e das aulas em busca da solução de problemas e melhorias da prática profissional.

Para este estudo foram convidados cinco professores de Educação Física atuantes no ensino fundamental, terceiro e quarto ciclos, da rede estadual do ensino de São Paulo e da municipal de Jundiaí-SP, apresentando-lhes a pesquisa a ser desenvolvida.

O grupo caracteriza-se com professores jovens, onde o tempo de atuação no magistério varia de um a sete anos após a formação inicial. Eles foram identificados pelos números de 1 a 5. O Prof. 1 atua no ensino há sete anos. O Prof. 2 há cerca de dois anos, o Prof. 3 há um ano, o Prof. 4 há dois anos e o Prof. 5 há um ano.

Após a formação do grupo disposto, foi aplicado um questionário inicial com questões a respeito do tema autonomia, contemplando, por exemplo, compreensões do tema e sugestões para os próximos encontros. A finalidade destas questões foi a de identificar nas respostas a concepção prévia de autonomia para comporem o ponto de partida das reuniões da pesquisa-ação.

O segundo momento foi a realização de mais quatro encontros, sendo dois por semana, os quais foram gravados com um gravador cassete, com um total de 220 minutos de gravação, ou seja, aproximadamente uma hora por encontro.

Os dados dos mesmos foram transcritos na íntegra e grifadas as falas principais, as quais foram agrupadas em categorias para melhor visualização e análise. As categorias também englobaram o objetivo, que é o de construir possibilidades para desenvolver a autonomia dos alunos, e os aspectos que envolvem tal objetivo, tais como: os entendimentos de autonomia; as estratégias utilizadas; os papéis dos professores e da escola; as posições críticas e as dificuldades encontradas.

Nos encontros, por conta da sugestão do grupo e do próprio conceito de professores-pesquisadores da pesquisa-ação, alguns levaram livros, textos e autores ligados ao tema para enriquecer o debate.

DISCUSSÃO

O grupo de professores apresentou um bom entendimento do que é autonomia, trazendo conceitos e ideias inclusive da própria experiência e muitas vezes condizentes com as referências utilizadas ao longo da pesquisa.

Caracterizado por um grupo jovem, onde todos professores são concursados e efetivos, percebeu-se ao longo das reuniões e debates que os estudos e formação continuada são presentes.

Em muitos momentos houve concordâncias entre eles. Certas discordâncias por vezes surgiam nos debates, não chegavam a um consenso, o que foi um fator bastante enriquecedor, pois se observa que cada um possui suas posições, entendimentos, críticas e dificuldades.

É interessante observar que se colocam o que é possível ser feito na realidade das escolas, onde muitas estratégias podem tanto ser comuns entre os professores, como bem variadas, e cada um, de acordo com seu contexto e particularidades, escolhe e utiliza estratégias para atingir seu objetivo.

Para que os alunos desenvolvam a autonomia estão dados interessantes trazidos do debate entre os professores e da experiência dos mesmos, pois muitos recorreram ao que aplicaram em suas aulas de Educação Física escolar.

O primeiro aspecto que aparece é fornecido por um dos professores, quando aponta a estratégia de estimular e fazer perguntas aos alunos, onde o professor não deve dar a solução pronta e sim instigá-los a propor uma solução.

A resolução de problemas é apontada como uma forma de atingir a autonomia, tal como confirma Freire (2002).

A segunda estratégia a ser analisada é a que os professores denominaram como *“aula livre”*, na qual o professor está presente e tem um objetivo e papel fundamental para que o aluno torne-se mais autônomo. O Prof. 2 fornece um problema para os alunos resolverem, porém, como percebe que depende do nível de desenvolvimento deles, muitas vezes não estão prontos para tal desafio. Então, o professor utiliza-se de uma aula em que os alunos escolhem, mas agora após meses de aulas, onde já têm maiores possibilidades de executarem a atividade proposta. Como o próprio Prof. 2 explica, é uma *“oportunidade para eles escolherem depois que você já trabalhou as atividades anteriormente”*. Já o Prof. 5 mostra que para a sua aula de escolha ocorrer, ele combina uma aula antes com os alunos, para ter um tempo de preparo de materiais.

O Prof. 3 também compartilha esta estratégia, só que de uma forma diferente, onde ele explica: *“levei vários materiais e em minutos eles percebiam a necessidade de se organizarem para montar uma atividade”*. O comum entre eles é o objetivo dos alunos poderem escolher. Para isso, o Prof. 2 trabalha os conteúdos várias aulas antes, o Prof. 5 combina uma aula anterior e o Prof. 3 na própria aula leva materiais diferentes para os alunos escolherem a atividade.

Afirmam, igualmente, que o professor, ao invés de apontar somente os erros dos alunos, deve incentivá-los a pensar e a refletir a fim de que entendam e corrijam o próprio erro, como uma maneira de adquirir autoconfiança. As reflexões e a criticidade por parte dos alunos constam nas estratégias dos professores.

Enfaticamente o Prof. 1 afirma que o primeiro passo é o professor desenvolver no aluno a criticidade. Esta afirmação precede as falas sobre as escolhas dos alunos nas aulas, mostrando que o Prof. 1 acredita e trabalha anteriormente a capacidade crítica dos alunos.

É interessante notar como o Prof. 3 trabalha com os alunos neste sentido. Ele utiliza a roda de conversa no final da aula, fazendo perguntas e desenvolvendo a criticidade do aluno.

Sobre a reflexão e a crítica o debate enriqueceu-se e outros professores contribuíram com exemplos de como atingir tais objetivos. O Prof. 5 salienta em *“trazer um assunto da nossa área, da década de 70, que a Educação Física era para formar o atleta”*. Este modelo de Educação Física realmente pode abrir uma rica discussão, pois inclusive foi muito criticado por autores da área.

O Prof. 4 inicia as ideias sobre reflexões e posições sobre a mídia, onde se pode questionar com os alunos os valores e padrões impostos. O Prof. 5 continua com o pensamento, sugerindo o debate utilizando uma manchete de jornal.

Essa construção de ideias traz uma possibilidade efetiva e relativamente simples para os professores de Educação Física que desejam iniciar a reflexão e a crítica dos alunos rumo à uma autonomia frente a diversos fatores. E mais, o Prof. 1 traz um exemplo já experimentado, onde seus alunos trazem reportagens, fazem o resumo e emitem uma opinião. A reportagem utilizada foi sobre o time de handebol da cidade, onde a treinadora expunha para as atletas que precisavam de mais velocidade, estavam muito lentas e por isso acabaram perdendo a partida.

Em contrapartida, o handebol da escola é diferente deste competitivo, como vários outros esportes. Este tipo de debate com os alunos possibilita a formação de uma opinião própria a respeito do assunto.

Estas estratégias podem ser relacionadas às ideias de Freire e Scaglia (2003). Para os autores, o aluno, além de vivenciar o jogo e o esporte na escola, deve realizar leituras críticas da mídia esportiva.

O Prof. 5 encerra este tópico de discussão e construção de estratégias mostrando um outro lado da reflexão com os alunos. O professor pode despertar os alunos para cobrarem a escola e o governo com relação à compra de materiais e construção de centros esportivos nos bairros.

Nesta reflexão dos direitos está o exercício da cidadania. Para o aluno exercer plenamente a cidadania, também certas estratégias da disciplina de Educação Física podem colaborar para este objetivo. No referido componente curricular existem conteúdos que permitem uma gama de possibilidades em se trabalhar com regras, como os jogos e esportes da escola.

Os professores apareceram com estas ideias no debate, afirmando como trabalham a questão das regras com seus alunos. O Prof. 5 expõe que se no jogo somente o professor pedir muitas regras, vai diminuindo a autonomia. E então o Prof. 4 complementa dizendo que entra o bom senso dos professores: “*Vamos tirar esta regra? Vamos colocar outras?*”. Este saber adaptar, mudar e criar as regras conforme a capacidade de assimilação dos alunos, o autor Vaz (2005) fornece um exemplo de que a mudança muitas vezes é necessária não somente por conta do nível de desenvolvimento dos alunos, mas para permitir que aqueles com menos habilidades tenham mais oportunidades de participar efetivamente num jogo.

Por exemplo, é muito comum nas aulas de Educação Física surgirem aqueles alunos com habilidades motoras mais refinadas e desenvolvidas, por conta de vários aspectos e com isso podem tornar-se, como dizem os colegas, “fominhas”, o que engloba não passar a bola para os colegas e muito menos para aqueles com habilidades defasadas, os quais, justamente, são os que precisam de uma maior prática. O professor, ao observar estes aspectos, pode sugerir mudanças ou abrir uma discussão de como fazer um jogo onde todos participem efetivamente. Podem aparecer dos alunos as sugestões de regras ou mesmo do professor, desde que explique os motivos para tais regras.

Como exemplo, podemos citar que, num jogo que envolva a presença da bola, a regra é a de que, antes de executar o ponto, gol ou cesta, a equipe tem que executar passes entre todos os integrantes. Desta maneira há uma maior possibilidade de todos os alunos adquirirem uma autonomia na vivência dos jogos e atividades práticas, bem como a compreensão da participação de todos na escola, entendendo inclusive as diferenças do esporte educação daquele jogado na rua, nos centros de treinamento e nas competições de alto nível.

Em relação ao como fazer os alunos entender as regras, o Prof. 1 apresenta sua estratégia de ir inicialmente na sala de aula e explicar na lousa, além de pedir trabalhos escritos.

Dependendo da classe, o Prof. 1 transmite e media o conhecimento na sala de aula, por conta de diversos fatores, tais como, muitas vezes se você deixar para passar todos os conceitos e desenvolver discussões em ambientes abertos, como na quadra ou outro ambiente externo, pode permitir uma dispersão maior dos alunos, principalmente dos mais novos como uma quinta série. Mas isto é o caso do Prof. 1, sendo uma estratégia que pode ser tentada por outros professores quando tiverem semelhantes problemas. Vemos também que quando há o objetivo de que os alunos escrevam, a sala de aula torna-se mais eficiente.

Ainda sobre a autonomia dos alunos a qual pode ser desenvolvida nas atividades práticas, diversas ideias e exemplos específicos dos conteúdos e atividades de Educação Física foram dados pelos professores.

O Prof. 4, ao continuar na linha de ideias do Prof. 3 sobre os exemplos práticos da Educação Física, como a roda de conversa feita em quadra nos tempos finais de aula, apresenta outros como, ao propor uma estafeta, deixar que cada time escolha as estratégias e a maneira de armar o próprio sistema de jogo.

Vemos que as escolhas dos alunos não giram apenas na atividade que desejam para a aula, como o jogar futebol como tanto pedem. Dentro de um conteúdo proposto pelo professor, como o exemplo da estafeta, permite-se também que os alunos decidam sobre tática e disposição das colunas. Caso o número de alunos dentre as equipes seja diferente, a equipe que tiver menos integrantes pode ver quem será o colega que repetirá a atividade.

Um fator bastante comum das aulas de Educação Física é o desejo de muitos alunos para a prática do futebol, tão forte e presente na nossa cultura. Uma visão dos professores é entender isso como uma dificuldade para se trabalhar com outros conteúdos, mas não como algo ruim. Ou seja, é muito bom que haja o interesse do aluno pelo conteúdo futebol, porém muitas vezes este gosto somente pelo futebol torna-se um fator de resistência para a vivência de outros conteúdos da Educação Física.

Muitas vezes no próprio conteúdo preferido dos alunos, os mesmos não querem nem a troca de regras, mas com objetivo definido o professor pode introduzir desafios, como a regra com várias bolas no mesmo jogo. De acordo com o próprio professor, tal estratégia não necessariamente ajuda a desenvolver a autonomia dos alunos, porém, com uma devida orientação do professor os alunos podem vir a refletir que, num jogo desordenado com várias bolas, têm que tomar várias decisões e ações.

O Prof. 4 contribui expondo que em sua escola somente o futsal é escolhido para o inter-classes, mas ele propôs, por exemplo, que em abril se faça o futsal, desde que em agosto, o voleibol.

Entendemos que outros conteúdos são de fundamental importância para serem aplicados nas aulas de Educação Física. A experiência do Prof. 4 foi a de estabelecer alguns limites e não permitir que os alunos apenas vivenciem o que mais gostam. O Prof. 3 concorda que a troca seja uma estratégia possível. Logicamente muitos autores e professores que estão distantes da realidade escolar podem criticar e discursar sobre a maneira mais correta de proceder pedagogicamente. O próprio professor que apresenta esta estratégia assume que não é o ideal, porém experimenta o que pode dar certo e ser possível.

O Prof. 3 vem na linha do como intervir na realidade de uma escola com muitos problemas, com uma experiência muito interessante com o futebol. Quando ele chegou nesta escola, os alunos o desafiaram exigindo apenas o conteúdo futsal. O professor então não bateu de frente com os alunos e sim, começou pelo futsal para tentar ganhar a confiança dos alunos. Aos poucos foi percebendo que tinha alguns que não gostavam do futsal e então, começou a utilizar uma parte da quadra para estar fazendo rolamentos, estrelinha e outros elementos da ginástica artística. No próprio futsal, entreviu devagar, dando feedbacks ao observar o jogo que, antes jogavam de forma incorreta e agora, de uma maneira mais certa.

De repente o professor que chegar impondo seu plano de ensino e bater de frente com os alunos tem grandes chances de frustrar-se e apresentar problemas de estresse, por vezes, comuns na classe profissional. Uma forma bem sucedida é compartilhada com os colegas, e, até certo alívio e sensação de dever cumprido transparecia no Prof. 3 ao relatar este caso, pois o histórico da escola referida e dos alunos é muito complicado.

Mais uma estratégia de como trabalhar com outros conteúdos importantes para desenvolver a independência e abrir o leque de escolhas dos alunos o Prof. 4 nos apresenta. Para introduzir o handebol, houve grande resistência. Para começarem a gostar da modalidade, o professor aproximou os conceitos com o futsal, dizendo para os alunos que o handebol é como se fosse um futsal, só que jogado com as mãos.

O Prof. 2 traz a ideia do aluno com o papel de organizar e apitar jogos, para sentirem os colegas reclamando e adquirir responsabilidades.

Certos professores desta escola, em suas visões, não concordaram com tal estratégia, afirmando que os alunos indisciplinados não mereciam ter esses papéis de maior responsabilidade, como a organização e arbitragem do inter-classes.

O Prof. 1 lembra no debate que todo o decorrer da aula gira em torno do planejamento e das estratégias previamente estabelecidos. Ele afirma que não faz tratos com os alunos e chegou no fim do ano, alguns que não tinham ideia do que seria um handebol, estavam pedindo inter-classes do referido conteúdo, o que antes era somente o futsal.

Lembrando-se de que exemplos podem ser tirados como parâmetros, mas não generalizados. Na visão do Prof. 1, por relatar obter sucesso com suas estratégias, não concorda com a troca na educação. Porém, podemos ver que ambas podem dar certo e atingir o objetivo proposto e cada profissional, carregado de valores e visões diferentes, pode escolher e experimentar o mais correto para o contexto em que atua. A ideia do planejamento participativo, conforme apresenta Rodrigues e Galvão (2005), pode ser uma forma efetiva para estes combinados,

Para o estabelecimento de limites o Prof. 1 continua que desenvolver a autonomia do alunos exige também que ele compreenda e entre na regra. Ele teve alunos que se recusavam a participar das aulas e com isso, chovia notas vermelhas até chegar a zerar. Diante disso, alguns alunos podem mudar de postura nas aulas, porém outros, juntamente com os pais, não se preocupam em nada com o conceito obtido na escola.

O feedback fornecido pela nota tirada pelo próprio aluno pode gerar algum retorno positivo, pelo fato de poder entender que precisa ter compromisso e assumir seus deveres. O que ocorre é que a nota hoje em dia, muitas vezes, é desprezada pelo próprio aluno. A nota, que anteriormente foi muito criticada por ser entendida como uma forma de controle e submissão, hoje não faz mais sentido devido à

implantação da aprovação automática entre as séries, com exceção dos finais dos ciclos, que são longos e compreendem quatro séries cada.

O que convém considerar nestes dados fornecidos pelo Prof. 1 é o fato de tentar promover o aprendizado e a autonomia dos alunos estabelecendo também as suas regras e a da escola. O que precisamos enfocar é que, diante desses fatores, torna-se mais difícil fazer com que o aluno entenda que precisa cumprir seus deveres.

Demasiadamente os professores são responsabilizados, pressionados e cobrados pelo sucesso dos alunos que muitas vezes somente ficam de corpo presente na escola e não cumprem com as obrigações.

Outras formas aplicadas que despertaram o interesse dos alunos, algo tão exigido dos professores, são relatadas pelo Prof. 3. Ele confirma que seus alunos somente pediam o futsal mas, para introduzir o basquetebol, convidou uma equipe de basquetebol para fazer uma demonstração em sua escola. Os alunos ficaram apaixonados e passaram a ter grande interesse pelo novo conteúdo. O Prof. 2 passa um vídeo antes quando os alunos resistem muito.

Nestas estratégias os professores posicionaram-se de comum acordo e entendimento de que são efetivas e alcançam os objetivos. Além de utilizar recursos da mídia para que os alunos familiarizem-se com o conteúdo a ser trabalhado, oficinas e apresentações de grupos, equipes ou de atletas podem ser trazidos para dentro da escola, pois assistir e mesmo interagir com pessoas de fora possibilitam uma grande motivação para muitos alunos aderirem à prática.

E se possível, levar os alunos para outros ambientes, conforme o Prof. 2 relata que fez quando houve um festival de mini-vôlei na cidade. Neste caso, a experiência foi muita. A oportunidade de muitos em ter participado de jogos de mini-vôlei pode ter sido a primeira vez e o interesse pela prática da modalidade após a vivência foi grande. Posteriormente a esta estratégia, o professor teve menos resistência de alunos ao conteúdo para oferecê-lo na escola, como fazer um inter-classes de mini-vôlei.

O Prof. 3 compartilha essa ideia e mostra interesse em começar a realizar passeios com os alunos. Mostrar práticas e conteúdos difíceis de serem vivenciados dentro da escola, como a natação, pode também surtir em interesses por parte dos alunos.

Esse objetivo da autonomia para que os alunos venham a escolher uma prática da cultura corporal de movimento, sabendo usufruir seu tempo disponível de forma consciente, criativa e com autonomia, é confirmado pelos autores Freire e Scaglia (2003). Entendemos que muitas vezes a resistência à uma prática diferente daquelas que gostam pode ser pelo fato de nunca terem experimentado e vivenciado. Vários fatores presentes em nossa cultura influenciam escolhas e hábitos de vida e a Educação Física escolar, ao fazer parte dessa cultura dos alunos, pode contribuir para estas escolhas e inculcar hábitos de vida mais saudáveis, como a prática de esportes e atividades físicas em geral.

Para poder ser autônomo frente a outro conteúdo, o Prof. 2 discute a importância do professor estar jogando junto com os alunos às vezes, porque a partir desta estratégia muitos alunos passam a querer participar, só para jogar com o professor.

Outra maneira de permitir um interesse e vivência dos alunos é o professor, ao propor e montar a atividade, começar com aqueles que se mostram dispostos a fazer a atividade, e os colegas, ao vê-los se divertirem com o jogo, inclusive com o professor, acabam aderindo à atividade da aula. É uma motivação ver o professor participar junto, podendo ser uma referência para os alunos ou mesmo uma vontade de pontuar no jogo em cima do professor. A relação professor-aluno pode tornar-se mais próxima através agora da linguagem do jogo e movimento.

Para se desenvolver a prática democrática e o exercício da cidadania autônoma, o Prof. 2 apresenta a opção dos alunos realizarem votação para decidir quem será o goleiro na hora do jogo coletivo e, caso queira também jogar na linha, oferece a escolha do revezamento ao ocorrer o gol. O Prof. 5 utiliza-se do par ou ímpar para a seleção do aluno no gol, além de intervir com uma estratégia muito interessante para que mais alunos joguem efetivamente, a de antes da equipe fazer um gol tem que passar a bola para tantos colegas.

A votação e o revezamento, quando decidido coletivamente, oferecem possibilidades para o exercício de decisões democráticas, considerando o outro e a vontade coletiva. Como Resende e Soares (1997) colocam, por meio da prática da cultura corporal, ou seja, dos conteúdos e elementos que o envolvem na Educação Física, privilegia-se a formação da cidadania, sendo que para isso o professor está presente, orientando e mediando para tais objetivos e princípios serem alcançados.

O conceito de estar com o outro, de considerar as diferenças, as limitações próprias e as dos colegas ajudando e cooperando com todos, é trazido através da estratégia de se trabalhar com os jogos cooperativos.

A dimensão das atitudes de cooperação é encontrada nos Parâmetros Curriculares Nacionais (1998). E Piaget (1974) traz que a cooperação sucede o egocentrismo, ou seja, o aluno vai começando a não centrar em si as decisões e o mundo, coordenando agora pontos de vistas e decisões com os colegas. A Educação Física escolar através dos conteúdos de jogos e atividades cooperativas pode potencializar esse desenvolvimento e transição.

Os professores trazem a estratégia de se trabalhar com os conceitos, como utilizar a sala de aula marcando algum dia ou quando chove, pois a maioria das quadras escolares são descobertas.

Entender conceitos auxilia em um aprendizado autônomo dos alunos, pois a literatura aponta que para desenvolver autonomia, um dos passos é a compreensão dos porquês das atividades. A utilização da sala de aula às vezes é preferida pelos professores para trabalhar essa dimensão, o que não significa que quadra ou pátio são locais somente para a dimensão procedimental e que sala de aula somente para a dimensão conceitual.

Por conta de eventuais dispersões dos alunos e de salas mais indisciplinadas, o professor pode utilizar-se da estratégia de começar a aula na sala, como relata os professores 2 e 5, ou marcar dias para dar ênfase nos conceitos.

CONCLUSÃO

Vimos no geral que todos os cinco professores deram uma boa contribuição para a compreensão das ideias e entendimentos sobre a autonomia, revelando-se como um grupo jovem e estudioso, dispostos a aplicar e experimentar na realidade cotidiana de suas aulas na escola pública estratégias para desenvolver a autonomia de seus alunos.

Ressalta-se que os conceitos giraram em torno de que o aluno autônomo é aquele mais independente, capaz de poder escolher, ter boas decisões e resolver problemas efetivamente. Para todos estes fatores há a questão do ser consciente, que toma as ações sabendo o porquê delas.

A autonomia engloba regras e por isso está ligada à cidadania. Cidadãos plenos e autônomos sabem decidir e escolher coletivamente, apesar de terem uma opinião própria. Esta autonomia almejada como princípio educacional também envolve a reflexão e as posições críticas.

Após a análise dos entendimentos sobre a autonomia, verificaram-se as possibilidades para se desenvolver a autonomia, que contemplam as estratégias e o como fazer na prática.

É interessante observar que as possibilidades apresentadas pelos professores participantes da pesquisa foram bem próximas das realidades escolares e dos alunos. No grupo houve sempre a preocupação do ser possível aplicar, logicamente que críticas e dificuldades foram bem pontuadas a fim de que houvesse uma superação das mesmas, com o intuito de poder desenvolver a autonomia dos alunos e melhorar a qualidade do ensino.

As principais estratégias e possibilidades de desenvolvimento da autonomia englobaram as ofertas de espaços para os alunos escolherem o conteúdo a ser trabalhado.

Foram dadas as estratégias das rodas de conversas na quadra, aulas mais teóricas em salas de aulas e pedido de trabalhos como leitura de reportagens de jornais a fim de estimular e atingir os objetivos de: reflexões; questionamentos de padrões impostos pela mídia; saber emitir opiniões e o entendimento de conceitos, todos estes como características do aluno autônomo.

O professor, para oferecer um leque de escolhas, pode utilizar-se de várias estratégias com seus alunos, tais como: a de jogar junto com os alunos para motivá-los; a de trazer apresentações para dentro da escola ligadas ao conteúdo e de levá-los para locais fora do ambiente escolar, as quais são estratégias que potencializam a autonomia e que são confirmadas como formas efetivas de atingir tal objetivo.

O aluno autônomo é aquele com mais responsabilidade. Estratégias didáticas foram construídas no debate para que seja atingido este elemento. Na Educação Física, o professor pode, além de permitir escolhas, oferecer responsabilidades, como ter o aluno assumindo o papel de arbitragem de um jogo e de organizar festivais. Estas estratégias obtiveram um alcance positivo com alunos indisciplinados, conforme relato da pesquisa.

Combinar regras e estabelecer trocas com os alunos pode ser positivo para que um conteúdo menos próximo do aluno seja ensinado, para que assim ele tenha a oportunidade de escolher mais concretamente aquilo goste e que possa aderir além do ambiente escolar.

Para a escolha de equipes, votações são boas estratégias, além de permitir a vivência de decisões democráticas. Para considerar e estar com o outro, os jogos cooperativos podem auxiliar segundo os professores participantes.

Para todos estes elementos serem efetivados na prática dos professores, críticas e dificuldades foram consideradas e debatidas. Certos elementos tornam mais difíceis a atuação do professor com melhor qualidade, como o número de alunos por classe, o tempo e o número de aulas na semana e a aprovação automática entre as séries. Resistência aos conteúdos menos visíveis em nossa cultura e à dimensão conceitual, bem como outras características do novo alunado foram colocadas pelos professores.

Estes aspectos atrapalham o andamento do ensino e o desenvolvimento da autonomia dos alunos, mas vimos que muitas estratégias e concepções foram construídas neste presente trabalho, permitindo os professores atuantes no ensino experimentar e obter uma efetiva prática pedagógica que contemple o princípio da autonomia na Educação.

REFERÊNCIAS

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria da Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais**: 5ª a 8ª série do ensino fundamental - Educação Física. v. 8. Brasília: MEC/SEF, 1998.

FREIRE, J.B. **Educação de corpo inteiro**: teoria e prática da Educação Física. 4 ed. São Paulo: Scipione Editora, 2002.

FREIRE, J.B; SCAGLIA, A.J. **Educação como prática corporal**. São Paulo: Scipione Editora, 2003.

IBERNÓN, F. **Formação Docente e Profissional**. São Paulo: Cortez Editora, 2000.

PIAGET, J.; INHELDER, B. **A Psicologia da criança**. 3 ed. São Paulo: Difel Editora, 1974.

RESENDE, H.G.; SOARES, A.J.G. Elementos constitutivos de uma proposta curricular para o ensino-aprendizagem da Educação Física na escola: um estudo de caso. Niterói: **Revista Perspectiva em Educação Física Escolar**, nº 1, 1997.

RODRIGUES, L.H.; GALVÃO, Z. Novas formas de organização dos conteúdos. In: DARIDO, S.C.; RANGEL, I.C.A. (Coord.). **Educação Física na Escola: implicações para a prática pedagógica**. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2005.

THIOLLENT, M. **Metodologia da pesquisa-ação**. 12 ed. São Paulo: Cortez Editora, 2003.

VAZ, A.C. Futebol e representações do gênero: engendrando ações afirmativas e pedagógicas. In: SOUZA, A.S. (Org.). **Desafios para uma Educação Física Crítica**. São Paulo: Cult Editora, 2005.

Universidade Estadual Paulista "Julio de Mesquita Filho"
Campus de Rio Claro-SP.